

UM BRIC* DEVERIA QUEBRAR A PAREDE: CRIATIVIDADE E AS FUTURAS GERAÇÕES NO G-20

Rogério Adolfo de Moura¹

RESUMO: O Brasil, assim como a Rússia, a Índia e a China passou a ser conhecido como um dos BRICS. Mais do que um país com uma boa performance econômica, apontado por uma organização financeira internacional nos anos de 1990, o país foi membro da conferência de Nova Delhi, em 1993, na qual estavam presentes países com grande número de habitantes, a maioria deles com um grande território e recursos, mas com uma característica comum, em sua estrutura social: a desigualdade. Neste texto, apontarei a importância de

conceitos como criatividade, para os sistemas escolares e a educação superior nestas nações, como uma condição da formação de comunidades globais de ensino e aprendizagem em ciência e arte. Considerando-me e a meus colegas, como observadores livres, eu também argumentarei que quando organizamos eventos artísticos e científicos, especificamente nestas nações, nós formamos temporariamente nós de cultura e criatividade, e mesmo distribuidores que imprimem e dão oportunidades a futuras gerações de incorporar a criatividade em suas biografias e agendas.

* BRIC tem aqui um duplo sentido. É uma referência à música de Pink Floyd que critica o sistema educacional como produtor de pensamento em massa, comparando o aluno a mais um “tijolo” (“brick”) na parede (“Another brick on the wall”). E é também uma referência à sigla da economia mundial BRIC, com as iniciais dos países em desenvolvimento Brasil, Rússia, Índia e China, podendo também incluir a África do Sul, na sigla BRICS.

¹ Graduado em Artes Cênicas – UFBA, mestre em Artes ECA-USP, doutorado FE-USP. É professor da Faculdade de Educação da UNICAMP e Coordenador Associado do Curso de Licenciaturas. Coordena o projeto Pedagogia Transatlântica (Brasil/Alemanha), o Laborarte – Laboratório de Estudos sobre Corpo, Arte e Educação da UNICAMP, e é vice-coordenador do Grupo de Pesquisas em Pedagogia Social (USP/UNICAMP).

Palavras-chave: BRICS. Educação. Arte. Criatividade.

ABSTRACT: Brazil, as Russia, India and China, are known in the last decades as one of the BRICS. Much more than being one of the BRICS or a country with good economic performance pointed by an international financial institution in the nineties, the country has been a member of the Delhi Conference, in 1993, in which joined countries with a meaningful number of inhabitants, most of them with a large territory and resources, but also with a common characteristic in their social structure: inequality. In this text I will stress the importance of concepts like creativity for the school systems and higher education



in these nations, as a condition to form global and multicultural communities of teaching and learning in art and science. Considering me and my colleagues *free observers*, I will also try to argue that when we organize artistic and scientific events specifically in those nations, we form temporarily nodes of culture and creativity or even cultural hubs that imprint and give opportunity to the future generations to incorporate creativity in their learning biography and agenda.

Key-Words: BRICS.Education. Art. Creativity. Healing.

RÉSUMÉ: Le Brésil, comme la Russie, l'Inde et la Chine, est connu comme l'un des BRICS. Beaucoup plus que d'être un des BRICS ou un pays avec une bonne performance économique, selon une institution financière dans les années 90, le pays a été membre de la Conférence de la Nouvelle Delhi en 1993, où des pays conjoints avec un nombre significatif d'habitants, et la majorité d'entre eux avec un grand territoire et des ressources, mais aussi avec une caractéristique commune: l'inégalité. Dans cet étude, je vais signaler l'importance de concepts comme la créativité pour les systèmes scolaires et de l'enseignement supérieur dans ces pays, comme condition pour former des communautés mondiales et multiculturelles d'enseignement et d'apprentissage de science et arts. Considérant mes collègues et moi comme des libres observateurs, je vais aussi essayer d'argumenter que lorsqu'on organise des événements artistiques et scientifiques, surtout dans ces pays, on construit temporairement des noeuds de culture et de créativité, ou même des centres culturels qui offrent aux générations futures la possibilité d'intégrer la créativité dans leur biographie d'apprentissage et dans leur agenda de vie.

Mots-clés: BRICS. Education. Arts. Créativité. Guérison.

Desde os anos de 1990, o Brasil foi apontado por instituições econômicas e financeiras como um dos BRICS. Durante estas duas últimas décadas, a performance do País o colocou na lista das maiores economias globais.

A expressão é usada para descrever, com um acrônimo ruim, nações com boas performances econômicas. Embora o Brasil, como o único membro do sul, formando um grupo com suas três irmãs asiáticas (Rússia, China e Índia), tenha comunalidades em termos de boas performances

econômicas, as diferenças nos indicadores educacionais ainda são consideráveis.

Indicadores/países	BRASIL	CHINA	ÍNDIA	RÚSSIA
Expectativa de vida	73	73	65	69
Pobreza	10	36	76	0
População, PIB per Capita (US\$)	10436	6863	3310	18878
Taxas de atendimento escolar em %:				
Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior	94,73,37	94,78,28	87,56,(NI)	93,88,65
Expectativa de vida escolar	14,0	11,6	10	14
Transição do fundamental para o médio	82%	85%	81%	100%
Taxa de alfabetização (jovens 15-24 anos)	97	98,8	79,7%	98,9%
Pesquisadores por 1.000.000 de habitantes	696	1.199	136	3091

Fonte: UNESCO: UIS DATA Bank, consultado em fevereiro de 2012.

Junto com Rússia, Índia e China, o último sendo considerado o dragão asiático e hoje a segunda economia do planeta, o Brasil conquistou um papel-chave na arena internacional, também integrando fóruns, como o G-20, o Conselho de Segurança da ONU, assim como outros grupos informais, como o IBAS (Grupo Índia, Brasil e África do Sul).

Há vários sinais da condição brasileira como poder emergente. Um deles é um dado empírico. A maneira como pessoas jovens, particularmente da baixa classe média, fizeram a transição para uma vida na qual máquinas, aparelhos eletrônicos e tecnologia são mais intensamente utilizados. A interação entre humano e tecnologia ou entre o corpo e as várias tecnologias, em uma sociedade em rápida transição, transformou-se num importante tema para sociedades que ainda possuem a desigualdade como um de seus traços básicos.

Por exemplo, os chamados office-boys do passado são conhecidos no Brasil como motoboys, nas grandes cidades brasileiras. Eles simbolizam muito bem uma transição desigual para uma modernidade que não deu chance às pessoas jovens para desenvolverem educação estética; e incorporarem adequadamente os processos tecnológicos em suas vidas urbanas profissionais.

Outro importante aspecto, talvez seja o fato de que esta mudança na performance dos chamados BRICS, agora integrados também pela África do Sul, aconteceu junto com a crise internacional que se abateu sobre os EUA e o mundo, mudando a arena global para uma paisagem geopolítica e econômica nunca vista anteriormente, e rapidamente



empoderando nações do sul, como o Brasil e a África do Sul.

No caso específico brasileiro, houve também uma forte e positiva combinação de gatos. Desde as eras FHC (Fernando Henrique Cardoso) e particularmente Lula (Luis Inácio Lula da Silva), o País fez várias reformas, incluindo aquelas do setor educacional.

O mais impressionante dado destes anos foi e ainda é a ascensão de milhões de brasileiros para a classe C e B e as mudanças sociais reais, em consequência disto, em um processo que está mudando completamente a estrutura ecopolítica e cultural do País. Esta paisagem de prosperidade será reforçada pela realização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, mas há outros vários aspectos, particularmente em educação, que estão sendo esquecidos neste processo.

Muito mais importante do que este jogo de xadrez global, financeiro e econômico, que é claro, pode influenciar e mesmo guiar o futuro das nações, seu desenvolvimento cultural e sua prosperidade econômica, são alguns fatos, particularmente no campo da educação, que merecem ser lembrados e considerados, como a tabela sobre os BRICs mostrou.

O Brasil foi um membro da conferência de Nova Delhi, em 1993, na qual participaram países com grandes populações (como China, Índia, Paquistão, Egito e México, entre outros), e que, como consequência da Conferência de Jonthien: “Educação para Todos”, na Tailândia, em 1990, tentou indicar alguns importantes objetivos para estas nações, em termos de desenvolvimento educacional.

Entre estes objetivos, a maior parte deles associada à garantia e ao direito à educação para as suas populações, não havia qualquer indicação sobre o direito de criar e desenvolver processos, ou para reforçar a criatividade, como uma ferramenta para as futuras gerações, nos seus sistemas educacionais. Nos bancos de dados, como aqueles da UNESCO, nós podemos perceber alguns indicadores sobre o que é chamado P&D, da perspectiva da ciência, que normalmente têm um importante impacto na criação de coisas, mas isto não é normalmente focado nos sistemas de ensino da escola e da universidade, e a educação estética e a arte não são consideradas como parte da criação das coisas, mesmo na ciência.

Nestas primeiras décadas do século XXI, depois de várias conferências mundiais, incluindo Dakar (Senegal), em 2000, não tivemos nenhuma mudança substancial, enquanto alguns fóruns internacionais, incluindo o Fórum Internacional de Educação e o Fórum Social Mundial, foram mais bem-sucedidos nestes assuntos.

Em um olhar panorâmico sobre o sistema educacional brasileiro, não é difícil identificar alguns bons resultados: mais crianças e adolescentes em idade escolar frequentando a escola, uma considerável expansão do sistema de ensino superior no nível federal, mecanismos de regulação crescentes, organização de uma taxonomia e vários indicadores para medir a performance das escolas e dos sistemas de educação superior; e a existência de um grande número de programas nas três esferas (municipal, estadual e federal), que tiveram, como objetivo geral, a melhoria da educação no Brasil.

Apesar de todos estes avanços, não podemos dizer que o Brasil, que é uma das seis maiores economias hoje em dia, tenha alcançado uma condição ou a performance de um jogador global, em termos da educação. Pelo contrário, o País teve uma performance bem ruim no Estudo PISA, de 2009. Enquanto países como a Alemanha usaram estes indicadores para melhorar a educação, o Brasil fez isto de uma maneira muito controversa, provavelmente perdendo a oportunidade de mudar importantes aspectos do seu sistema educacional.

Este fato tem uma enorme importância na discussão do principal aspecto deste texto: a melhoria da educação, em todos os níveis, poderia prover um maior estoque de conhecimento para as futuras gerações.

Nós deveríamos nos perguntar, neste quadro global com uma crescente dominação dos BRICs, se países, como o Brasil, Rússia, Índia e China, fossem capazes de desenvolver mais incisivamente a criatividade em seus sistemas escolares e de educação superior, apoiando, especificamente, iniciativas combinadas a arte e ciência, numa forma de ação global coordenada, quais poderiam ser os resultados?

Em outras palavras, se estas quatro nações que-rem realmente fazer a diferença no futuro, elas não poderiam esperar até que alguns *experts* de alguma instituição financeira criassem um acrônimo ruim

para descrevê-las, mas necessitariam criar uma rede sustentável de cooperação em educação, ciência e arte, derivando daí siglas ou abreviaturas no mínimo mais criativas e inventivas.

A língua de comunicação nesta rede poderia ser o português, o russo, o hindí, o chinês ou mesmo o inglês. Naturalmente, há importantes iniciativas nesta direção, mas não suficientes, já que todas estão baseadas no potencial econômico.²

Considerando estes pontos, proponho outra forma de considerar estas nações, em uma nova e mais confiável abordagem, no contexto do debate internacional: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul pertencem ao G-20, um grupo de nações que merece muito mais atenção em termos de estudos comparativos, nos campos da educação, arte, cultura, e ciência.

Considerando isto, seria possível construir uma perspectiva de longo prazo entre estes países, e então propor alianças científicas e culturais, não somente nos campos tradicionais, como economia e engenharia, mas em termos de ciência, tecnologia e particularmente arte, num amplo escopo, incorporando mais e mais o aspecto da criatividade.

Dentro do G-20, um grupo composto pelas maiores economias do mundo, há seis membros da conferência de Nova Delhi, de 1993. Apesar disso, alguns Estados árabes e islâmicos, como Paquistão, Bangladesh, Nigéria e o mais importante, o ator principal da chamada Primavera Árabe, o Egito, não estão ou estavam no grupo.

A exclusão destas quatro nações do G-20, considerando que suas performances econômicas possivelmente não sejam suficientes para pertencer ao clube, mostra um insistente foco internacional no potencial econômico e na performance, tornando difícil o caminho para pesquisas mais adiantadas, no campo da educação e da arte, entre países que não participam de fóruns comuns, além do G-20.

De novo, usando um dado empírico, eu poderia apontar a chamada Primavera Árabe e a difusão de fatos e informação, comparando atores midiáticos globais e suas estratégias, para mostrar e difundir informação e, muitas vezes, incorporando um discurso político.³

Como outro exemplo de algum tipo de contribuição cultural invisível, eu poderia indicar a importância de países como China e Índia e mesmo a cultura afro-brasileira ou afro-norte-americana, as quais são fontes muito importantes do que eu chamo de redes de processos de ensino-aprendizagem baseadas em tradições culturais, em um ambiente multicultural e global novo, não mais dominadas por poderosas nações do norte geopolítico, mas pela emergência do que eu chamei de Pedagogia da Incerteza.⁴

Também é necessário, aqui, dar algum crédito e importância ao conceito de ‘epistemologia do Sul’, de Santos (2010), já que este autor português introduziu este termo em 1995 e, desde então, tem publicado constantemente textos relacionados a este conceito.

Ao mesmo tempo, considerando vários aspectos, incluindo o passado colonial brasileiro e certa inaplicabilidade do termo, eu diria que Santos nos ajudou a olhar para uma epistemologia que, longe de ser do Sul, não possui mais um eixo ou um lugar. Assim, ela não seria do Sul ou do Norte, porque indivíduos, sujeitos, grupos e instituições e/ou territórios precisam lutar num modo muito dinâmico para defender valores culturais e sociais, enquanto este processo os impede de se agarrarem a qualquer categoria sociológica, incluindo aquelas de classe ou identidade territorial.

Mais do que isto, se nós consideramos os quatro principais BRICs, que tipo de polaridade ou desenho poderia surgir nesta busca por uma epistemologia sem eixo: um irmão do Sul (Brasil) e três irmãs do Norte (China, Índia e Rússia)... Que tipo de consequências tal polarização geográfica e cultural traz para a discussão?

² Alguns deles são o BRIC Lab da Columbia University (NYC-USA), o CEAV (Centro de Estudos Avançados – UNICAMP Brasil), o Gacint – na USP, o novo programa brasileiro ‘Ciência sem Fronteiras’, o grupo IBAS (Índia, Brasil e África do Sul), e programas europeus como o CIC – Center for International Cooperation da Free University (Berlim, Alemanha), entre outros.

³ Al Jazeera e CNN: tente observar como é diferente o foco sobre o que está havendo no mundo árabe, comparando as notícias nos portais destas duas redes.

⁴ Pedagogia da Incerteza: um termo baseado na ideia de Heisenberg, no campo da física, discutido e criticado por Hannah Arendt, em seu livro “Entre o passado e o futuro”.



Especificamente no caso do Brasil, estas três nações, particularmente China e Índia, ainda parecem ser nações exóticas, onde indivíduos e às vezes grupos do Ocidente aprendem e incorporam valores e práticas para reforçar capacidades individuais, mas marginalizando a chance ou a possibilidade de estabelecer perspectivas científicas, culturais e estéticas, de longo prazo, na interação entre elas.

Uma epistemologia do sul ou mais além, uma Epistemologia da Incerteza, um termo usado primeiro por Heisenberg, no começo do século XX, no contexto da física, ou, em outras palavras, uma epistemologia sem eixo está relacionada ao fim ou à deterioração de um sistema-mundo, uma categoria teórica ou termo de Immanuel Wallerstein, mas também relacionado ao aspecto líquido, nos estudos de Zygmunt Bauman.

Quando uso termos, como comunidades globais ou multiculturais, não me refiro a estudos nos quais às vezes são reforçados o poder do capitalismo predatório global e também não me coloco nas linhas de militância como aquelas do Fórum Social Mundial.

O que eu quero dizer quando uso termos, como comunidades globais ou multiculturais de ensino e aprendizagem, é a presença de um sujeito, uma pessoa ou um indivíduo que pode ser considerado como um observador livre, tanto no contexto do conceito cunhado por Albert Einstein, mas também naquela discussão crítica de Hannah Arendt (2008).

Eu discordo de Hannah Arendt, porque, enquanto para ela, este observador livre está fora do planeta Terra, no espaço, exatamente como ele foi cunhado por Einstein, olhando para outros humanos abaixo, eu considero cada um de nós um observador livre, olhando para o céu ou o espaço, com a ajuda de enormes telescópios, e aí alargando a solidão humana no vasto cósmico. Eu interpreto esta primeira figura como um astronauta, ou cosmonauta, como querem russos, e agora os chineses, observando fatos e fenômenos 'sobre' o planeta.

Da perspectiva deste artigo e do meu ponto de vista, todos nós, no começo deste século XXI, nos tornamos observadores livres.

Nós podemos mergulhar nosso olhar para dentro do espaço, usando o olho de um enorme telescópio, como o Hubble, por exemplo, e ao mesmo

tempo nós temos o poder de mergulhar profundamente na matéria e no corpo humano, usando a genômica, nanotecnologia e neurociência, para investigar, manter e prolongar a vida humana, jogando o papel de Deus, tentando às vezes assegurar nossa eternidade e imortalidade sobre o planeta Terra e fora dele.⁵

Nas minhas últimas comunicações e publicações, eu tentei mostrar alguns sinais que poderiam indicar que nós temos sido mais e mais convertidos em observadores livres. Eu observo a vida no planeta e os fenômenos no espaço e sobre o planeta, ao mesmo tempo. Não há categoria nas teorias sociais, educacionais ou artísticas, para situar estes novos processos, exceto provavelmente aquela de Zygmunt Bauman: o conceito de Sociedade Líquida.

Assim, analisarei um evento no Brasil como um exemplo do estabelecimento destes processos de ensino e aprendizagem, em arte e ciência, em comunidades globais e multiculturais, nas quais sujeitos, ou professores e artistas, como observadores livres, são influenciados por estas condições temporárias de criadores, construindo valores conjuntamente, enquanto se encontram em distribuidores ou nós de cultura, pelo globo terrestre.

Um grupo de artistas se encontra num distribuidor cultural (Bahia-Brasil), no sul do planeta

Um evento ocorrido na Bahia, Brasil, em outubro de 2011, não era realmente um. Eles eram três, ocorrendo ao mesmo tempo: Estudos em Movimento, IV Seminários Transculturais sobre Dança e Teatro e, finalmente, o IV Across the Threshold: Criatividade, Ser e Cura. Na última parte deste artigo, vou focalizar o último deles.

Eu gostaria de acentuar, em primeiro lugar, a importância de tal evento, particularmente em termos da contribuição de conceitos, como criatividade e

⁵ Como exemplo, temos os experimentos da NASA e de outras agências. Há também os experimentos estéticos digitais, que colocam cada um de nós como um observador livre, suspenso no espaço, incluindo o Google Earth, Vimeo etc... Também o projeto Hubble, com as últimas notícias sobre as muitas superterras.

cura, para uma interação entre artistas do Brasil, EUA e Alemanha, Caribe, Indonésia, que insistentemente tentam fazer a diferença, considerando a dimensão transnacional ou mesmo transterritorial que tal experiência pode propiciar.

É provavelmente o momento oportuno para os países do G-20 ocuparem o espaço vazio deixado pelos velhos e tradicionais poderes hegemônicos, ou, ao menos, considerar a possibilidade de atuar ou protagonizar ações, a partir das margens, um conceito utilizado por Henry Giroux (1999).

O evento “Across the Threshold: Criatividade, Ser e Cura”, ocorreu em Salvador, no Estado da Bahia, no nordeste do Brasil. Esta cidade foi capital do Brasil por séculos, quando o País era uma colônia portuguesa, sendo conhecida nos dias atuais por sua diversidade, sua força cultural e herança africana. Com seus quatro milhões de habitantes, uma cultura afro-brasileira forte, deitada sobre a costa brasileira, contemplando sua mãe africana do outro lado do Atlântico, Salvador abrigou um evento que reuniu colegas de vários países e se tornou, durante aqueles três dias, um tipo de nó cultural.

Em minhas considerações, eu descreveria meus colegas como observadores livres, vivendo num mundo mais conectado, mas onde as tensões políticas e culturais cresceram com as possibilidades de interação entre culturas, indivíduos, grupos e territórios. Assim, um evento artístico ou cultural pode ser considerado um nó cultural, ou um ponto numa rede cultural, que coloca juntos, valores, práticas, tensões e crenças, concentrando pessoas em um lugar, por um período curto de tempo, convidando-os a interagir intensamente.

É um processo similar àquele que ocorre na Alemanha, com o festival Move Berlim, um festival que mostra e discute, a cada dois anos, tendências na dança contemporânea brasileira.

A própria Alemanha também funciona como um distribuidor cultural ou um nó, no norte do planeta, com grande número de peças, vídeos, festivais e eventos artísticos que cede espaço para fenômenos transculturais, como os do contexto da migração turca, e tensões culturais entre uma cultura árabe ou otomano-islâmica e outra da Europa Central, de matriz cultural branca e caucasiana. Estes tipos de embate cultural estão cada vez mais presentes, em cidades como Berlim, mas também em proje-

tos focados nos jovens em situação de vulnerabilidade social, como algumas iniciativas presentes no Estado da Renânia do Norte, Westfália.

Castells (1999) nos mostra, por exemplo, como uma sociedade em rede existe por meio da conexão entre seus nós. Estes tipos de evento têm o poder de fortalecer os vínculos entre indivíduos, para além das fronteiras, e arte, cultura e tecnologia dão uma enorme velocidade e qualidade a este processo. Veja-se todo o movimento da Primavera Árabe.

Durante o evento “Across the Threshold”, a cidade de Salvador teve um importante papel como um distribuidor cultural. Esta cidade, junto com a Universidade Federal da Bahia, recebeu um número de artistas que trouxe técnicas e práticas, que incluem pintura corporal, ioga, cristais de silício para a cura, medicina integrativa e dança ritual afro-americana, provendo uma interação entre os artistas convidados e brasileiros, abrindo um canal para disseminar conhecimento, pelas universidades brasileiras e grupos artísticos, mas, ao mesmo tempo, dando a oportunidade a estes colegas de serem observadores livres, por algumas horas, durante alguns dias.

Esta não é somente outra oportunidade para atravessar a fronteira, porque as universidades, apesar de todo o discurso de globalização, internacionalização e cidadania global, mantêm-se fechadas, em comparação a outras instituições, como ONGs internacionais e companhias.

Este evento também teve uma mesa de discussão final sobre cultura, origem e migração, na qual vários convidados, junto com o público, puderam debater aspectos do fenômeno.

Esta também foi a oportunidade para acentuar o quão desafiador foi organizar tal evento, já que ele favorece que pessoas experimentem, por meio de atividades práticas, outras formas de construir conhecimento, um tipo de combinação inovadora de arte e ciência, que não é sempre aceito pelo mundo acadêmico e científico.

“Across the Threshold” significou um desafio para a academia de um país com um passado colonial, no qual foi imposta uma forma de organizar eventos, “com comunicações” e “papers”, e que, ao fazer isto, tornou mais difícil a comunicação entre as pessoas, colocando-as atrás de palavras e ideias.



Durante os últimos anos, eu defendi um papel mais forte do corpo (MOURA, 2010), e uma razão para isto refere-se ao fato de que a academia, em países como o Brasil, tende a transformar arte e experiência em discurso, impondo o *paper* como um valor hegemônico e valorável, para registrá-la ou mediá-la.

Baseado em ideias e conceitos de diferentes autores, como Fischer-Lichte (2010), que focou seus estudos no conceito de calor corporal (*Körper-Wärme*) e Hannah Arendt (2008), que discute a tensão entre ação e contemplação e investiga algumas ideias de Agostinho e, principalmente, Tomás de Aquino, decidi questionar a ideia de que “todos os movimentos, do corpo e da alma devem parar diante da verdade”, pensando em que medida a escola e a universidade, como templos de conhecimento, se tornaram lugares de dominância hegemônica da palavra, do discurso e do cérebro.

Depois de observar pessoas interagindo em congressos, seminários, mas também em escolas e universidades, no Brasil, eu percebi, e não sou o primeiro a fazer isto, o quão forte era o papel secundário do corpo no processo de ensino-aprendizagem, na arte e na ciência. Considerando este ponto de vista, eu tenho insistido, em todos os meus textos, que professores, pesquisadores e estudantes deveriam recuperar o corpo, dando a ele novamente um status igual àquele dado ao cérebro, na comunicação humana.

Minha idéia básica era a de que cada um de nós, artistas, cientistas, estudantes, professores, deveria destruir a ditadura do papel A-4 e do discurso, introduzindo mais e mais métodos sensíveis, estratégias para comunicar, que dessem uma chance à criatividade. Alguns poderão dizer que sou muito pestalozziano, mas não sou.

O aspecto prático do evento “Across the Threshold” ou a possibilidade de interagir o tempo todo, usando o corpo num processo criativo, trouxe-me de volta a possibilidade de discutir uma questão central da crise epistemológica e científica ocidental, a qual venho combatendo com a possibilidade de usar o corpo para substituir a ditadura do papel A-4.

Quando se reduz todo o trabalho a um papel A-4, nós damos muita importância ao feito Gutenberg e o processo que ele inaugurou, chamado

por Manuel Castells, de mente tipográfica. Assim funcionou o movimento de colonizar o mundo, por meio do discurso e do texto, que começou na Europa, séculos atrás, legitimando o seu papel-chave no processo civilizatório conduzido em outros continentes.

Nós esquecemos uma perspectiva-chave e também paradigmática, representada pelas diferentes contribuições, como a ideia da Galáxia de McLuhan, e, no campo específico da arte, também Rudolf Laban, com o conceito de *Labanotation*. Alguns destes mestres nos deram a habilidade de descrever fenômenos ou mesmo investigar processos criativos por meio da *Labanotation*, uso de imagens e tecnologia corporal.

Embora tenhamos um tipo de emergência de super-novos-conceitos, no campo da ciência, para explicar a criatividade, particularmente aqueles advindos da neurociência, nós deveríamos nos comprometer, como professores, cientistas, mas, acima de tudo, como artistas, em construir um novo e mais igualitário equilíbrio entre a arte e a ciência.

Quebrando a parede: por que e como a criatividade deveria integrar o currículo nas universidades e escolas dos países do G-20?

Neste texto, tentei mostrar que o acrônimo BRICS não deveria ser considerado correto. Não é confiável para descrever um grupo de nações, com boa performance econômica e perspectivas, por meio de uma abreviação: “B-R-I-C-S”.

Seria mais confiável considerar estas fortes nações no escopo do G-20, embora, no campo da educação, um fórum importante para se considerar seria a Conferência de Nova Delhi, um evento que ocorreu em 1993, na Índia, como uma consequência direta da conferência mundial “Educação para Todos”, em Jonthien, na Tailândia, em 1990.

Assim, enquanto colegas no contexto do mundo acadêmico tentam focar a análise na performance econômica do Brasil, Rússia, Índia e China, eu proponho uma abordagem mais abrangente para nações que podem transformar completamente o balanço de poder e mesmo a paisagem cultural do século XXI.

Para fazer a diferença, os chamados poderes emergentes poderiam pensar conceitos como cul-

tura, criatividade e arte, como ferramentas para construir uma nova perspectiva na educação.

Ao invés de nos perguntarmos sobre como facilitar o comércio entre estes poderes emergentes, nós poderíamos nos perguntar, no amplo campo de ciência, arte, cultura e educação, quais tipos de conceitos poderiam ser incorporados nestas/destas nações, não para fazer delas somente outro “BRIC Brother”, mas para finalmente quebrar a parede de ignorância que separa culturas e regiões pelo globo terrestre e que mantém uma desigualdade histórica, entre o norte e o sul, Oriente e Ocidente, cristianismo e islamismo.

Assim, um conceito como “Across the Threshold” nos dá a oportunidade para pensar e querer realmente ir além.

Como observadores livres, que aceitam o risco de estar em uma cultura estranha, nós devemos fazer a pergunta correta: nós estamos fazendo a diferença? O que estamos fazendo para tornar ideias, valores e práticas culturais e estéticas, às vezes longe de nossos países, cidades ou ambiente cultural, em algo efetivo? Podemos colocar toda nossa energia em trocar experiências com pessoas, ou estamos somente mostrando o que aprendemos como artistas e dando chance às pessoas de escolherem o que precisam ou querem disso? Esta é uma importante questão, porque, num mundo onde desigualdade e diferença estão crescendo juntas, nós temos de perguntar a nós mesmos se a arte, a dança ou o teatro estão fazendo qualquer tipo de diferença.

Há realmente um projeto social maior, que envolve efetivamente outros (indivíduos, nações, territórios) no processo de fazer e experienciar a construção do conhecimento em arte e ciência.

Qual poderia ser o objetivo, se o foco em conceitos como criatividade, arte e cultura, num mundo onde tudo se tornou uma *commodity* ou um produto para ser consumido, e no qual nações, a maior parte delas como provedoras e produtoras de matérias primas, ainda apresentam dificultadas para interagir no campo da arte, da cultura e da estética?

Um último ponto para a discussão tem a ver com o futuro.

Para preservar a juventude ou para dar às novas gerações a oportunidade de incluir em suas agendas importantes conceitos, dando a elas o direito de fazer a diferença, em termos de sociedades futuras,

a escola e a universidade teriam que enfrentar o desafio de integração numa perspectiva transcultural.

Quando as pessoas jovens organizam, com o massivo apoio das redes sociais e das tecnologias da informação, um evento global chamado ‘ocupe’, eles estão provavelmente enviando uma mensagem para aqueles que têm o poder e supostamente deveriam dar a eles a oportunidade de construir o futuro.

Como se eles estivessem flutuando no espaço, dentro da Estação Espacial Internacional, gritando: “Ei, pessoal, nós, jovens, temos algo a dizer e fazer: por favor... Deixa a gente entrar!”

REFERÊNCIAS

- AENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FISCHER-LICHTE, Erika. Dissolução de fronteiras do corpo. Sobre a relação entre estética do efeito e teoria corporal. Tradução de Marianne Kolb. *Cadernos do GIP-CIT*, Estudos do movimento III: corpo, fronteiras, e conexões — PPGAC/UFBA, ano 13, n. 24, p. 111-130, 2010.
- GIROUX, Henry. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MOURA, Rogério A. de. O corpo entre a ação e a contemplação na sociedade-laboratório. In: ALBANO, A. A. M.; STRAZZACAPPA, M.; AYOUB, E. Dossiê entrelugares do corpo e da arte. *Revista Proposições*, Campinas, UNICAMP, v. 21, p. 37-49, 2010.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

